

ESCOLARES DA ÁREA URBANA E RURAL: ORIGEM DO CONHECIMENTO SOBRE SAÚDE E PLANTAS MEDICINAIS

JANAÍNA DO COUTO MINUTO¹; MARJORIÊ DA COSTA MENDIETA²; NATÁLIA ROSIELY COSTA VARGAS³; KARINE LEMOS MACIEL⁴; MÁRCIA VAZ RIBEIRO⁵; RITA MARIA HECK⁶.

¹ Universidade Federal de Pelotas – janainaminuto@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – marjo.mendieta@ibest.com.br

³ Universidade Federal de Pelotas – nataliarvargas@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - karine.maciel.ecp@bol.com.br

⁵ Universidade Federal de Pelotas – marciavribeiro@hotmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – rmheckpillon@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Desde o princípio o ser humano busca por diversas alternativas, tentando eliminar seus males físicos e psíquicos. Essas diferentes ações de cuidado em saúde estão relacionadas ao meio em que o ser humano está inserido e ao seu contexto sócio-cultural (SIQUEIRA et al., 2006).

Nesta constante busca por cuidados, os indivíduos percorrem por diversos sistemas de cuidados em saúde. Esses sistemas podem ser divididos em três subsistemas inter-relacionados: o profissional, o qual engloba as profissões de cura legalmente conhecidas e que seguem o modelo biomédico de assistência; o *folk*, no qual encontramos profissionais que realizam práticas de cura não reconhecidas pela lei; e o popular, onde são encontrados as pessoas do grupo familiar, amigos e vizinhos que utilizam do senso comum, suporte emocional e práticas religiosas (KLEINMAN, 1980).

Percebe-se assim, que a família é uma parte importante do sistema popular, visto que é nela que ocorre a transmissão de conhecimentos acerca dos cuidados em saúde (ROSA et al., 2009), e também, as diferentes opções terapêuticas, dentre elas as plantas medicinais. Desta maneira, entender como ocorre o cuidado em saúde, em especial por meio das plantas medicinais, exige conhecer como ocorre a transmissão deste saber. Sabe-se que as crianças obtêm as primeiras informações no meio familiar, com isso, a família tem, portanto, um significativo impacto e uma forte influência no comportamento das crianças, que aprendem com a família as diferentes formas de existir, de ver o mundo, de construir as suas relações sociais e as diferentes formas de cuidado (DESSEN; POLONIA, 2007).

Entretanto, a família não é o único círculo social na qual a criança/adolescente transita. A escola é um local em que estes passam grande parte de seu tempo, sendo com isso, um espaço oportuno para ensinar/aprender e discutir, inclusive, sobre a saúde.

Frente ao exposto, o objetivo desse trabalho é investigar a origem do conhecimento relacionado à saúde e ao uso de plantas medicinais de escolares do meio urbano e rural, em um município no sul do RS.

2. METODOLOGIA

Consiste em um estudo de abordagem qualitativa do tipo exploratório. Os dados aqui apresentados são vinculados à pesquisa “Uso de plantas medicinais e as práticas populares de saúde entre escolares de um município do Rio Grande do Sul” desenvolvida pela Faculdade de Enfermagem da UFPel em parceria com a Embrapa Clima Temperado, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os dados foram coletados no domicílio dos participantes, escolhidos aleatoriamente, no município de Pelotas (RS), residentes nas proximidades de duas escolas, sendo uma na área rural, no 9º Distrito, Monte Bonito, e uma na área urbana, no bairro Balsa, zona do Porto. Os participantes do estudo foram dois escolares, que estão cursando a 7ª série do ensino fundamental. Estes foram identificados por nomes fictícios.

Os dados foram coletados entre janeiro e julho de 2014, utilizando como instrumento a entrevista semiestruturada. Os dados apresentados neste trabalho são provenientes da análise de três questões: Com quem você aprendeu sobre plantas medicinais; com quem você aprende os cuidados em saúde e na escola eles te ensinam algo sobre plantas medicinais. As respostas foram transcritas e analisadas seguindo a proposta operativa de Minayo (MINAYO, 2010). A pesquisa seguiu os preceitos éticos e teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sob número de protocolo 020/2011.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes desse estudo são do sexo feminino, com faixa etária de 12 anos, ambas possui convívio com as avós, sendo que a Marcela reside com seus pais e permanece durante o dia na residência de sua avó, localizada na área urbana. Já a Melissa reside com sua avó e seu pai, localizada na área rural.

Ao questionar os participantes sobre com quem aprenderam os cuidados em saúde, obteve-se as seguintes falas:

“Isso ensinam um pouco na ciências”. (Marcela)

“Minha mãe, e a minha vó também um pouco, mas mais é minha mãe”. (Marcela)

“É na escola também... Em casa também”. (Melissa)

“Isto, ciências e as vezes agente aprende sobre a saúde da boca quando a dentista vai lá na escola”. (Melissa)

A escola e a família são os espaços que as escolares reconhecem como formadoras de cuidados em saúde, juntas compartilham funções sociais na qual são responsáveis pela aquisição e transmissão do conhecimento. Ambas são fundamentais, já que podem desencadear processos evolutivos que podem ser propulsores ou inibidores de seu crescimento físico, intelectual, emocional e social (DESSEN; POLONIA, 2007).

Na escola há uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem acabando por vezes na apreensão do conhecimento e enfatizando somente assuntos predeterminados. A escola pode ser um espaço de incentivo

ao desenvolvimento crítico da criança e do adolescente discorrendo sobre diversos temas dentre eles os cuidados em saúde.

Podemos citar como exemplo de cuidados em saúde o ensino sobre as diferentes práticas integrativas e complementares, dentre elas as plantas medicinais. No entanto percebe-se que este conhecimento é repassado basicamente no âmbito familiar, como podemos observar nas falas a seguir quando questionadas com quem aprenderam sobre plantas medicinais:

“Sobre as plantas, com a minha vó com minha mãe”. (Marcela)

“Com a minha vó”. (Melissa)

Desta maneira percebe-se que a figura feminina se destaca na transmissão do conhecimento relacionado às plantas medicinais. Cabe salientar que apesar das participantes residirem com a figura masculina – pai, esse não foi referenciado nas falas. Alguns estudos reforçam a relevância do gênero feminino no que se refere a este conhecimento (TABUTI et al., 2012; SOUZA, 2010). Este fato pode estar relacionado às diferentes atividades exercidas pelas mulheres, pois são geralmente as responsáveis pelos cuidados com os filhos identificam situações de desconforto e procuram soluções para superação do problema na família (MERÉTIKA, 2008).

Entretanto foi observado que a escola se mostrou parcialmente presente nas falas das escolares quando questionadas se na escola ensinam algo sobre plantas medicinais:

“Aprendi pouca coisa e foi na quinta série.”. (Marcela)

“Em ciências ensinam [...], ensinaram no ano passado, na sexta série”. (Melissa)

A partir dos relatos podemos perceber que as escolares identificam momentos específicos a partir do qual recebem informações mais pontuais que envolvem o tema saúde e plantas medicinais.

A escola pode ser considerada um espaço de extrema importância para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades junto à comunidade. Constituinte um espaço importante para a discussão e o aprendizado sobre saúde. É essencial que ao discutirem-se questões de saúde na escola, seja ela rural ou urbana, o professor respeite a autonomia e a identidade de cada um, por meio de uma prática coerente que discuta com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes, relacionando com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996).

4. CONCLUSÕES

Compreende-se a importância da escola e da família na transmissão de conhecimentos relacionados à saúde. A escola é um ambiente propício para se discutir assuntos como saúde-doença e o uso de plantas medicinais, entretanto percebemos neste trabalho que a mesma realiza de forma muito superficial esse tipo de discussão, deixando de aprofundar esse conhecimento para os escolares, conhecimento esse, que é muito importante para o crescimento do escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESSEN, M. A; POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Família e Escola**, Brasília, v.17, n.36, p. 21-32, 2007. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEINMAN, A. **Patients and healers in the context of culture**: an exploration of the bordeland between anthropology, medicine and psychiatry. California: Regents, 1980.

MERÉTIKA, A. H. C. **Conhecimento e utilização de plantas medicinais por comunidades de pescadores do município de Itapoá – SC**. 2008. 78f.

ROSA, L. M. et al. Família, cultura e práticas de saúde: um estudo bibliométrico. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 17, n. 4, p.516-520, 2009.

SIQUEIRA, K.M. et al. Crenças populares referentes à saúde: Apropriação de saberes sócio-culturais. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.1, p. 68-73, 2006.

SOUZA, C. C. V. **Etnobotânica de quintais em três comunidades ribeirinhas na Amazônia Central, Manaus-AM**. 2010. 103f. Dissertação (Mestrado em Botânica). Programa de Pós-Graduação em Botânica, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia, Manaus, AM.

TABUTI, J. R. S, et al. Herbal medicine use in the districts of Nakapiripirit, Pallisa, Kanungu, and Mukono in Uganda. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 8, n. 35, 2012.